

RESILIÊNCIA EM AMBIENTES ESCOLARES: AJUSTES METODOLÓGICOS A PARTIR DE UM ESTUDO PILOTO

LAUREN CROCHMORE¹; SARAH BELTRAME²; GESSYKA VELEDA³; TATIELE SCHNEIDER⁴; MARIANA GOUVEA⁵; MARIA TERESA NOGUEIRA⁶

¹*Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – laurencrochemore@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – sarahpbel@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – gessykaweleda@gmail.com*

⁴*Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – tatiele.sch01@gmail.com*

⁵*Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – gouveamariana@outlook.com*

⁶*Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – mtdnogueira@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

A resiliência é definida na Psicologia como a capacidade de um indivíduo “manter ou recuperar um funcionamento saudável após adversidades” (YUNES & SZYMANSKI, 2005, p. 19). Trata-se de um fenômeno dinâmico que envolve interações entre fatores internos e externos, permitindo que a pessoa enfrente desafios preservando o equilíbrio emocional e cognitivo (POLETTI & KOLLER, 2008). No caso de crianças e adolescentes, especialmente em contextos de vulnerabilidade social, compreender e mensurar a resiliência é fundamental para desenvolver estratégias de promoção de bem-estar (OLIVEIRA & NAKANO, 2011).

Buscando promover a resiliência, a Escala de Resiliência RS-10 (Resilience Scale – 10 items), está sendo adaptada para o contexto brasileiro por meio do projeto RS-10: Adaptação Transcultural e Validação Brasileira. Essa adaptação considera as diferenças socioculturais, uma vez que, como destacam Poletti e Koller (2008), fatores como desigualdade social, recursos comunitários e redes de apoio influenciam diretamente na expressão e no desenvolvimento da resiliência.

Para garantir a adequação cultural e linguística da escala, foi conduzido um estudo piloto, sendo este fundamental na pesquisa em Psicologia, pois permite antecipar possíveis dificuldades, avaliar a clareza dos instrumentos e garantir sua adequação ao público-alvo. Como destaca Fonseca (2012) e Pasquali (2010), essa etapa exploratória funciona como um ensaio metodológico que possibilita corrigir falhas práticas, adaptar procedimentos às características da população estudada e aumentar a validade dos resultados. Logo, o estudo piloto se mostra indispensável para identificar barreiras linguísticas e cognitivas nas crianças participantes, bem como, para assegurar que o instrumento a ser adaptado seja aplicado de forma ética, comprehensível e ajustada ao contexto escolar.

Desse modo, o presente trabalho tem como objetivo descrever e analisar o estudo piloto, realizado em uma escola do ensino estadual da cidade de Pelotas, destacando as mudanças implementadas ao longo do processo e discutindo a relevância do estudo piloto para o aprimoramento metodológico e a validade do instrumento.

2. METODOLOGIA

Trata-se de um estudo piloto, realizado em três fases, em diferentes instituições escolares de Pelotas/RS, em escolares de 7 a 12 anos. Estes estudo

faz parte de uma pesquisa intitulada ESCALA DE RESILIÊNCIA PARA CRIANÇAS (RS10): ADAPTAÇÃO TRANSCULTURAL E VALIDAÇÃO BRASILEIRA realizada em parceria com Universidade de Chiba, no Japão.

O instrumento principal foi a Escala de Resiliência RS-10, acompanhada de termo de consentimento, questionário socioeconômico e entrevista cognitiva (WAGNILD & YOUNG, 1993; PESCE ET AL., 2005).

Os pesquisadores foram até as escolas para entregar os termos de consentimento e explicar às crianças e professores o objetivo e o funcionamento da pesquisa. Em outro dia, previamente agendado, os termos eram recolhidos e, então, ocorria a aplicação, retirando da sala de aula as crianças autorizadas. Após o recebimento do assentimento assinado e o preenchimento dos itens da escala pela criança, era realizado também um teste cognitivo individual, a fim de avaliar a compreensão dos itens. Crianças não alfabetizadas ou que apresentaram dificuldade de compreensão dos instrumentos foram excluídas. A pesquisa respeitou os critérios éticos para estudos com seres humanos (RESOLUÇÃO CNS nº 466/2012) e foi aprovada pelo Comitê de Ética sob o parecer CAAE 88022025.4.0000.5317.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A comparação entre as três aplicações do estudo piloto, em uma amostra total de 76 crianças autorizadas a participar pelos pais e dentro dos critérios estabelecidos, permitiu observar avanços progressivos na adequação do instrumento e no processo de coleta. Com base nesta aplicação, foram identificadas e corrigidas falhas relacionadas à linguagem, organização visual do instrumento, bem como, ajustes no questionário socioeconômico. Além disso, foi necessária alteração na faixa etária da amostra (de 7 anos para 9 anos completos), em virtude da dificuldade de alfabetização, o que não permitia a leitura dos instrumentos, critério de inclusão do estudo.

A primeira aplicação, realizada em duas escolas públicas do município, evidenciou dificuldades relacionadas à leitura dos itens e ao vocabulário, fatores que comprometem a compreensão plena dos participantes e demandaram mediação contínua dos aplicadores. Já na segunda aplicação, conduzida no em uma escola estadual, após ajustes de formatação e simplificação vocabular, houve maior clareza na compreensão dos itens, além de um engajamento mais efetivo dos alunos. Nesse momento, durante a condução de entrevistas cognitivas, emergiu um dado particularmente relevante: ao questionar um menino negro sobre o item “fico feliz com o meu jeito de ser?” e pedir que explicasse o que entendia por “seu jeito de ser” e como reformular a frase, ele respondeu: “sou feliz com a minha cor de pele”. Esse episódio evidenciou que, sem a identificação de aspectos raciais, o questionário não permitiria captar como a experiência de crianças racializadas impacta a construção da resiliência. A partir disso, tornou-se necessário incluir variáveis de classificação racial no questionário socioeconômico, alinhando-se à literatura que demonstra como fatores socioeconômicos e raciais influenciam o desenvolvimento psicológico e a resiliência de forma diferenciada (WERNER & SMITH, 2001; POLETTI & KOLLER, 2008; UNGAR, 2013). Assim, a dimensão racial deixa de ser apenas um dado complementar e se consolida como elemento essencial na interpretação da resiliência em crianças brasileiras.

Nesse sentido, é importante destacar que a Escala de Resiliência RS-10 foi originalmente desenvolvida em contexto japonês, onde a alfabetização é de alta

qualidade desde as séries iniciais. No Brasil, por outro lado, encontramos uma realidade marcada por fortes desigualdades, agravadas pela pandemia. Dados recentes mostram que cerca de 30% das crianças de 8 anos ainda não estavam alfabetizadas em 2023, contra apenas 14% em 2019, com taxas ainda mais preocupantes em áreas rurais, onde o analfabetismo chega a 45% nessa faixa etária (AGÊNCIA BRASIL, 2023; JORNAL INTEGRAÇÃO, 2023). Essa discrepância evidencia que, para garantir uma validação transcultural eficaz da RS-10, o estudo piloto deve considerar não apenas ajustes técnicos, mas também as diferenças linguísticas, cognitivas e socioeconômicas entre os contextos, assegurando que o instrumento reflita de forma fiel e pertinente a realidade das crianças brasileiras.

A experiência das três aplicações piloto reforça que essa etapa vai além da detecção de falhas operacionais, pois possibilita identificar barreiras de compreensão, a necessidade de ajustes vocabulares e lacunas conceituais, como a inclusão da variável raça dos participantes. Além disso, a literatura sobre validação de instrumentos enfatiza que a testagem prévia em campo é indispensável justamente porque permite observar fatores contextuais e culturais que dificilmente emergem em análises apenas teóricas ou estatísticas (PASQUALI, 2010; URBINA, 2014; WAGNILD, 2009). Dessa forma, a condução de pilotos sucessivos fortalece a confiabilidade e a sensibilidade do instrumento, assegurando que ele possa ser utilizado adequadamente em pesquisas futuras no contexto educacional brasileiro.

4. CONCLUSÕES

Os resultados obtidos após a realização do estudo piloto, reforçam a importância de um processo interativo e reflexivo no campo científico, especialmente na validação de instrumentos psicométricos. As adaptações implementadas ao longo das etapas demonstraram que atenção à linguagem, à organização visual e à estrutura do questionário socioeconômico era essencial para ampliar a clareza e favorecer o engajamento dos participantes.

Destaca-se, ainda, a relevância da inclusão de recortes raciais e da padronização das perguntas socioeconômicas, em consonância com as discussões apresentadas neste trabalho, ressaltando a necessidade de considerar fatores ecológicos em populações vulneráveis. Tal perspectiva amplia o alcance das análises e fortalece a pertinência social do estudo científico.

Esse percurso evidencia que o estudo piloto não deve ser entendido como uma etapa acessória, mas como um componente metodológico indispensável em processos de adaptação transcultural. A experiência mostrou que o cuidado com aspectos linguísticos, cognitivos e socioculturais é fundamental para assegurar a coerência e a aplicabilidade de instrumentos no contexto brasileiro.

Por fim, conclui-se que investir em fases exploratórias representa um diferencial que contribui para a validade, a confiabilidade e a relevância social da pesquisa. A RS-10, nesse sentido, se apresenta como uma ferramenta promissora para contextos escolares, desde que acompanhada por protocolos claros de mediação e por contínua atenção às especificidades culturais e sociais do público-alvo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGÊNCIA BRASIL. **Pandemia ainda impacta educação no Brasil, aponta estudo.** Agência Brasil, 16 jan. 2025. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2025-01/na-educacao-brasil-ainda-nao-se-recuperou-da-pandemia>. Acesso em: 29 ago. 2025.
- BRASIL. **Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos.** Diário Oficial da União, Brasília, 13 jun. 2013.
- FONSECA, R. P. **A importância do estudo piloto na pesquisa em Psicologia.** Psicologia em Pesquisa, Juiz de Fora, v. 6, n. 2, p. 221-229, 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-12472012000200015. Acesso em: 11 ago. 2025.
- JORNAL INTEGRAÇÃO. **Unicef: analfabetismo em crianças brasileiras dobra durante a pandemia.** Jornal Integração, 10 out. 2023. Disponível em: <https://jornalintegracao.com.br/unicef-analfabetismo-em-criancas-brasileiras-dobra-durante-pandemia>. Acesso em: 29 ago. 2025.
- OLIVEIRA, M. Z.; NAKANO, T. C. **Resiliência em crianças e adolescentes: uma análise da produção científica brasileira.** Psicologia: Teoria e Prática, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 165-177, 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872011000200013. Acesso em: 11 ago. 2025.
- PASQUALI, L. **Psicometria: teoria dos testes na psicologia e na educação.** 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.
- PESCE, R. P. et al. **Adaptação transcultural, confiabilidade e validade da escala de resiliência.** Cadernos de Saúde Pública, v. 21, n. 2, p. 436-448, 2005.
- POLETTI, M.; KOLLER, S. H. **Contextos ecológicos: promotores de resiliência, fatores de risco e de proteção.** Estudos de Psicologia (Campinas), Campinas, v. 25, n. 3, p. 405-416, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/RKrzF4VJJdTg7vhQqZjPXFG/>. Acesso em: 11 ago. 2025.
- UNGAR, M. **The social ecology of resilience: a handbook of theory and practice.** New York: Springer, 2012.
- URBINA, S. **Fundamentos da testagem psicológica.** Porto Alegre: Artmed, 2007.
- WAGNILD, G. M.; YOUNG, H. M. **A Escala de Resiliência: um estudo com uma amostra de adultos portugueses.** 2015. Disponível em: <https://www.europeanproceedings.com/article/10.15405/epsbs.2015.08.7>. Acesso em: 21 ago. 2025.
- WAGNILD, Gail M.; YOUNG, Heather M. **Development and psychometric evaluation of the Resilience Scale.** Journal of Nursing Measurement, v. 1, n. 2, p. 165-178, 1993.
- WERNER, E. E.; SMITH, R. S. **Vulnerable, but invincible: a longitudinal study of resilient children and youth.** New York: McGraw-Hill, 1982.
- YUNES, M. A. M.; SZYMANSKI, H. **Psicologia positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família.** Psicologia em Estudo, Maringá, v. 10, n. 2, p. 165-173, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/Wdk5j5rNpxkpsv7jVmjMcFR/>. Acesso em: 11 ago. 2025.